

Eram dois estranhos que iriam partilhar
um destino íntimo inexplicável

A visão de Linda

CARL BAKAL

PARA Linda Buritsch, a vida começou no dia 10 de setembro de 1945, em Staten Island, Nova York. Quando ela contava dois anos, sua família – que incluía Kit, o irmão mais velho – mudou-se para Riviera Beach, Maryland. Embora tivesse nascido com um sopro no coração, Linda levava vida ativa (nadando, pescando, jogando tênis). Em criança, sonhava tornar-se professora de ginástica, mas, à medida que foi crescendo, seus interesses voltaram-se para a música, arte e literatura.

Escreveu poesias e histórias, algumas das quais publicadas em antologias estudantis. A morte parecia preocupá-la. «Que é a morte?» escreveu uma oca-

sião. «A morte é eternidade, mas como posso estar certa disso?» Seria a percepção da morte que lhe tornava tão preciosa a vida? «Amo a vida», escreveu ela. «Espero pela vida. Esperará a vida por mim?» Estava sempre se apaixonando. Embora alguns namoros fossem sérios, nenhum durava, talvez porque o amor que ela esperava um dia encontrar existisse apenas em seus sonhos.

É isto que sugere um incidente muito interessante. Certa tarde, em 1963, pouco depois que ela terminou o secundário, subitamente, veio-lhe o impulso de desenhar um retrato – o primeiro que jamais fizera. Era de um rapaz mais ou menos de sua idade e não se parecia



Linda Buritsch

com ninguém que ela tivesse conhecido.

«Quem é esse rapaz?» perguntou-lhe a mãe, Polly.

«O homem dos meus sonhos», respondeu Linda.

«Que coisa mais gozada!» exclamou a mãe. «Onde você foi buscar essa idéia?»

«Sei lá», disse Linda. «Simplesmente tive vontade de desenhar alguém e foi a imagem que me saiu.» Em seguida, foi até seu quarto e substituiu uma fotografia que estava num porta-retratos pelo desenho que fizera.

Linda freqüentou a Universidade de Hood, em Frederick, Maryland, onde se formou em inglês, continuando sempre a escrever e editar revistas literárias estudantis. Depois de formada, em 1967, passou a ensinar inglês no Ginásio de Anápolis. Era das professoras de maior popularidade entre os alunos.

Começara a sentir dores de cabeça ainda na universidade, mas, como elas coincidiam geralmente com os exames, foram diagnosticadas como enxaquecas provocadas pela tensão nervosa. Nem Linda nem seus pais se alarmaram muito com isso.

Na primavera do que seria seu último ano de vida, ela foi a Porto Rico nas férias e passou vários fins de semana com amigos na Nova Inglaterra. Em maio, quando seu irmão Kit casou, ela estava esfuizante de alegria e, em junho, terminadas as aulas, praticamente toda noite ela saía com amigos.

«Agora vejo que era como se ela sentisse que seu tempo estava acabando», recorda a mãe. «Vivia sempre em movimento.» De vez em quando, surpreendia todo mundo fazendo uma limpeza completa em seu quarto, rasgando velhas cartas de amor e outras recordações. O desenho do «homem de seus sonhos», porém, foi cuidadosamente retirado do porta-retratos e guardado numa pasta juntamente com outros esboços.

Continuava a ter dores de cabeça ocasionais, mas isso parecia não a incapacitar — ou talvez, simplesmente, ela não fosse de se queixar. Fora isso, aparentava perfeita saúde.

O fim foi terrivelmente repentino. Linda voltou de uma viagem de fim de semana no domingo, 21 de julho, queixando-se de atroz dor de cabeça. A despeito de persistir a dor, ela ainda foi a semana quase toda ao emprego temporário que arranajara nesse verão; mas, na quinta-feira à noite, ficou seriamente doente e com vômitos. «Ela pode ser alérgica à codeína», explicou o médico, quando Polly o consultou pelo telefone, e prescreveu outro analgésico. Linda pôde, assim, dormir aquela noite. Na sexta-feira de manhã, entretanto, estava doente demais para ir trabalhar, e, durante o dia, começou a vomitar o que parecia ser sangue. Alarmada, sua mãe telefonou ao médico e este recomendou que a levassem para o hospital. «Oh, mamãe!» gemia Linda, ao ser transportada, «sinto-me péssima, acho que vou morrer.»

QUASE, ao mesmo tempo, a 650km de distância, em Charleston, Carolina do Sul, outro jovem de 22 anos enfrentava uma tragédia de tipo diferente. Como Linda, George (Woody) Johnson Jr., quando criança, desejava tornar-se professor de ginástica, e depois, também como Linda, seus interesses convergiram para leitura, desenho e música. Woody, porém, foi sempre propenso a problemas de vista e, aos 20 anos, descobriu que estava sofrendo de ceratocone, distúrbio raríssimo que pode provocar distorções acentuadas da visão, caracterizado por uma intumescência da membrana que cobre o olho.

De início, lentes de contato fizeram baixar a excrescência na córnea esquerda e permitiram a Woody ver normalmente. Mais tarde, como a doença progredisse, as lentes já não davam resultado. Na primavera de 1968, a doença atingira tal ponto que o Dr. William Vallotton, famoso cirurgião oftalmologista de Charleston, comunicou ao rapaz que seria necessário um transplante de córnea para salvar o olho.

Woody concordou em ser operado. O problema seria obter a doação de um olho, sem demora. O Dr. Vallotton, que já havia feito várias centenas de transplantes dessa natureza, transmitiu o pedido ao Banco de Olhos da Carolina do Sul, que, por sua vez, contactou outros bancos de olhos em todo o país.

No fim de junho, ao chegar em casa, de volta da universidade, Woody foi informado de que deve-

ria deixar sempre recado de onde pudesse ser contatado a qualquer momento (transplantes de córnea têm que ser feitos dentro de 72 horas após a remoção do olho do doador). Só restava esperar que alguém morresse.

QUANDO chegou ao hospital, Linda estava quase inconsciente. Nessa noite, uma punção na sua espinha indicou pressão no cérebro, e o hospital não possuía equipamento necessário para atender ao caso. Já em coma, Linda foi levada de ambulância ao hospital da Universidade de Baltimore, a 25km dali, sendo imediatamente operada. Somente à uma da manhã de sexta-feira (cerca de cinco horas mais tarde) é que puderam trazê-la para a sala de recuperação.

O cirurgião estava sério e muito fatigado. «Sua filha tinha um tumor no cérebro», disse aos pais de Linda. Acrescentou que fizera tudo que pudera, e que o resto agora dependia de Deus.

Linda não voltou mais a si. À 1:45 da manhã de segunda-feira, o telefone à cabeceira dos Buritsches tocou. «Soube imediatamente do que se tratava», recorda Polly. «Do hospital, nos diziam que era o fim.»

No atordoamento que se seguiu, ela se lembra vagamente de que lhe perguntaram se os olhos de Linda poderiam ser doados ao banco. «Eu concordei», diz ela. «Senti que Linda teria gostado que o fizesse. Lembro-me de que uma vez falávamos sobre transplantes de cora-

ção e ela disse: 'Gostaria de poder doar o meu.' Ela sabia que não poderia fazê-lo, pois seu coração não era sadio, mas afirmou: 'Gostaria realmente de deixar alguma coisa. Seria ótimo poder doar algo.'»

Logo depois da morte de Linda, seus olhos foram entregues ao Banco Médico de Olhos, de Maryland. Encabeçando a lista de pedidos do banco, estava o do médico de Woody, em Charleston. Minutos depois, Woody, que trabalhava como salva-vidas numa piscina de Charleston, recebeu o recado do seu médico. «Conseguimos o olho», disse o Dr. Vallotton. «Está vindo por avião de Baltimore. Quero que você me espere no hospital às seis da tarde.»

Por volta das 11 da manhã seguinte, a córnea do olho esquerdo de Woody tinha sido substituída pela de Linda.

DURANTE as semanas de sua convalescença, os pensamentos de Woody eram sempre os mesmos: Que sorte tivera em conseguir uma córnea tão depressa! Quem lhe teria dado o dom da vista? Poderia ele algum dia dizer à família do doador o quanto se sentia grato?

Embora sabendo que a identidade dos doadores de olhos é confidencial (tudo que pudera averiguar no arquivo do hospital foi que seu doador tinha 22 anos), Woody escreveu ao Banco Médico de Olhos, de Maryland, em fins de agosto de 1968: «Se, em seu entender, não houver perigo de ofensa, gostaria

de dizer um humilde 'obrigado' à família. Se eles quiserem saber, também tenho 22 anos e frequento o terceiro ano de psicologia na Universidade do Tennessee. A operação correu muito bem e estou me recuperando perfeitamente.»

Frederick Griffith, diretor do banco de olhos, tinha, nos últimos cinco anos, expedido cerca de três mil córneas para todo o país, mas aquela era apenas a segunda vez que recebia uma carta de agradecimento. Comovido pela sinceridade de Woody, telefonou aos Buritsches e leu-lhes a carta. Ia desligar quando se lembrou de lhes perguntar se estariam interessados em conhecer Woody. Responderam que sim.

No sábado, 6 de outubro, Woody tomou um avião para o Norte, convidado a passar um fim de semana com os Buritsches. Estava nervoso e apreensivo. Afinal, na sua cabeça, encontrava-se um pedaço de tecido humano que *vivera* na filha das pessoas que ia visitar.

WOODY e os Buritsches logo simpatizaram mutuamente. «O que me surpreendeu», conta um amigo que esteve presente ao encontro, «foi que eles, que nunca se tinham visto antes, sentiram-se bem à vontade uns com os outros. Aquilo não parecia um encontro entre estranhos.»

Polly Buritsch foi buscar as pastas e os cadernos de apontamentos de Linda, e falou a Woody dos muitos interesses da filha. Ele os cri-

vava de perguntas a respeito dela. Nessa noite (Polly o fez dormir no quarto de Linda), Woody encontrou os livros dela, tal como tinham sido deixados há dois meses. Polly observou muitas semelhanças entre o rapaz e sua filha. Ambos tinham o mesmo riso contagiante e

causa das muitas semelhanças entre Woody e Linda, ou pela cadeia de circunstâncias únicas que tornaram a vida de Woody parte inseparável da sua? Não, era algo na própria fotografia. Onde a teria visto antes?

Na primavera de 1969 (seis meses depois da visita de Woody), os Bu-

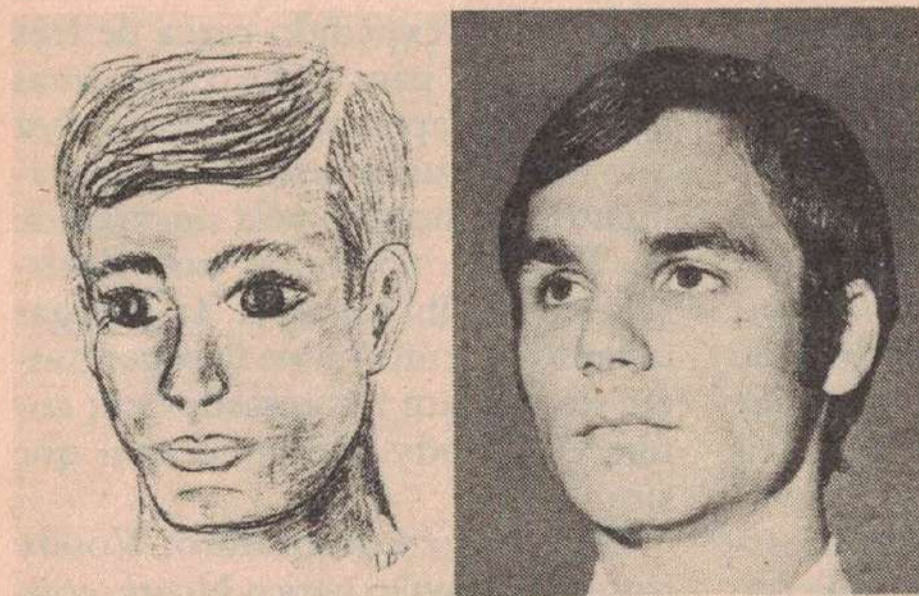
ritsches decidiram publicar, em memória de Linda, seus poemas e esboços. Passando em revista as coisas que a filha deixara, Polly encontrou um desenho que há anos não via – o retrato de um rapaz.

«Deus meu, não posso crer!» exclamou ela. Chamou o marido. «Quem é este?» perguntou, mostrando-lhe o desenho. «Ora essa,

é Woody!» retrucou ele. Polly foi correndo até a sala e confrontou o desenho com a foto de Woody. A semelhança se revelava surpreendente. O desenho era nem mais nem menos do que aquele que Linda tinha feito, cinco anos antes de morrer, do homem de seus sonhos.

Na mesma pasta, exatamente onde Polly o encontrara, havia um fragmento de poesia de Linda:

*Não há maior angústia
do que a de dois corações que morrem
sem nunca se conhecerem* ▲



À esquerda: Esboço do «homem de seus sonhos», desenhado por Linda Buritsch em 1963 (cinco anos antes de sua morte).

À direita: Foto de Woody Johnson, em 1972, que ela nunca conheceu

a mesma maneira entusiástica de falar. Era impressionante que alguém (especialmente aquele rapaz) pudesse ser tão parecido com Linda. Que estranho que ele agora estivesse ali sentado no lugar dela à mesa!

Antes de partir, Woody ofereceu uma foto sua aos Buritsches, e Polly prontamente colocou-a num porta-retratos, que foi posto numa mesa na sala. À medida que se passavam os meses, ela se achava sempre olhando para o retrato, sem nenhuma razão aparente. Por que se sentia tão atraída por ele? Seria por